

DN - 16.7.66

M 713

"O Globo" - 1.6.60

A CRÔNICA de Rubem Braga

PASTERNAK

O ROMANCE de Bóris Pasternak, "O Dr. Jivago", termina alguns anos depois da última guerra. Jivago já morreu; dois amigos seus estão sentados diante de uma janela que domina a imensa noite de Moscou.

"A vitória não havia trazido a luz e a libertação que eles esperavam dela; entretanto os sinais precursores da liberdade flutuavam no ar desde o fim da guerra, e aqueles anos não tinham outro conteúdo histórico.

Sentados junto à janela, os dois amigos, envelhecidos, tinham a impressão de que essa liberdade interior havia chegado; de que, justamente aquela noite, o futuro havia pousado, palpável, nas ruas que corriam a seus pés; de que eles haviam entrado nesse futuro e nele viveriam doravante."

Sabemos que Pasternak escreveu isso em 1954, depois da morte de Stalin e da execução de Béria, quando o novo Governo soviético denunciava a falsidade e a crueldade dos processos de expurgo, até então aplicados, e prometia dias mais livres. A literatura russa, longamente aviltada pela opressão, parecia retomar seus direitos, prometia uma floração nova. Era o "degêlo" de Erenburg. O velho Pasternak esquecia todos os sofrimentos do passado, saudava essa nova aurora de liberdade. Seu livro, embora amargo, era um gesto de esperança e de confiança no futuro.

Não se entendeu assim, porém. Aquela "liberdade interior" de que falava o poeta era uma sugestão fluida, mas ainda perigosa: o livro ganhou o Prêmio Nobel, mas não pôde ser editado na Rússia. Isolado no seu retiro, Pasternak renunciou serenamente a tudo, certo de que, como o Dr. Jivago, só se poderia salvar "pelo humilde, pelo cotidiano, pelo habitual, por seu trabalho". Continuou a traduzir Shakespeare: um dia, talvez, seus colegas escritores ainda o admitissem novamente como escritor; talvez ainda tenha feito alguns poemas; um dia talvez fossem publicados...

E assim Pasternak morreu. Imagino-o numa janela, como Jivago, contemplando pela última vez a grande noite russa, nesta primavera. Como seu livro está cheio dessas noites, como as árvores, as estrélas, a gente, a terra da Rússia respiram dentro d'ele! E como cantam rouxinóis! O romancista teve a audácia de atrasar a ação de seu romance uma página inteira para enfrentar esse terrível lugar comum da literatura européia de todos os tempos: falar do canto do rouxinol. Só um poeta poderia ter essa grandeza.

Diante de sua morte cessam as discussões. Pensemos apenas no que ele soube amar e soube recriar com sua arte: o canto dos rouxinóis numa noite de maio no fundo da Rússia, os braços brancos de Larissa, a angústia e o ideal dos homens.

20